

Instituto Sedes Sapientiae
Curso de Psicologia e Psicopatologia Simbólica Junguiana
8º Ano
Curso de Supervisão com Técnicas Expressivas
5º Ano

Docente: Dr. Carlos Amadeu Botelho Byington

Resumo da 32ª Aula: 14.12.2017

Boa noite a todos. Hoje é a última aula do nosso curso, este ano, que é também o encerramento do nosso curso no Sedes. Por isso, no final de oito anos, quero agradecer acolhida e o apoio que sempre recebi, dentro de uma atmosfera humanista e democrática que respeitam e estimulam a total liberdade no exercício da criatividade científica.

Abordaremos mais uma vez a passagem da quinta para a sexta e depois para a sétima fase da vida, desta vez, no reinado de Édipo em Tebas, antes e após a sua descoberta trágica. A seguir, veremos a coragem do **herói de alteridade**, como andarilho, expondo sua Sombra, guiado por sua Anima projetada em Antígone, antes um rei, mas agora, miserável e andrajoso. Veremos na resiliência dessa peregrinação, a ilustração do **Arquétipo da Santidade**.

Indo além, acompanharemos Édipo, abençoado pelas deusas do santuário de Colono e, acolhido por Teseus e seus súditos atenienses, para desapegar-se do amor de sua filha Antígone e do próprio corpo e entregar-se à morte. Esta parte da aula deve ser acompanhada pela leitura do último capítulo da Psicologia Simbólica Junguiana, que inclui a interpretação do Mito de Édipo. Terminaremos a aula e o curso com um **exercício de meditação** e desapego, guiados pela respiração (*Pranayama*), vivenciando **o vazio e a fusão da identidade com ele**, no reconhecimento, na admiração, na gratidão e no amor **por sua natureza, no encontro (coniunctio) final com o Espírito Criador**.

Como já disse a vocês muitas vezes durante o nosso curso, não concordo com Freud em ter colocado o Complexo de Édipo como a pedra angular do desenvolvimento normal da personalidade, pelo fato de considerar o Mito de Édipo um mito ilustrativo da

disfunção psicopática e psicótica da tradição patriarcal de um indivíduo, da sua família e da sua cultura e, por isso, não poder servir como parâmetro de desenvolvimento normal.

Em contraposição a Freud, descrevi o desenvolvimento normal da personalidade e da família, por intermédio do **quatérnio primário**, representando a interação **do complexo materno, do complexo paterno, do vínculo entre eles e das reações da criança para formar a identidade dela dentro do princípio da causalidade e da sincronicidade**. Neste quatérnio, a relação da criança com os pais e dos pais com ela pode apresentar, em diferentes momentos, ódio e amor, inveja e ciúme, atração erótica e repulsão, e quaisquer outras funções estruturantes, tanto na normalidade quanto na patologia, caso sofram fixações e formem defesas e Sombra.

O Problema Moral e Científico do Conceito do Complexo de Édipo

O conceito do **perverso polimorfo** inerente ao nascimento de todo ser humano, representa na teoria psicológica um deserviço às crianças, à cultura e à educação, pelo fato de projetar defensivamente na fantasia infantil o abuso sexual e a violência dos pais.

Freud (1856-1939) viajou para Paris em 1885 e estagiou até 1886 nos hospitais Salpêtrière (homens) e Bicêtre (mulheres), que eram dirigidos por Jean-Martin Charcot (1825-1893). Nesse estágio, Freud presenciou a hipnose de muitos pacientes histéricos e assistiu a numerosas palestras de Charcot, que relacionava a histeria com uma “fragilidade constitucional” que levava a uma “degeneração mental”. Simultaneamente, Freud assistiu a palestras no Instituto de Medicina Legal, nas quais foram apresentados casos de crianças, sobretudo meninas, abusadas sexualmente por seus cuidadores, não raro, por seus próprios pais, com a conivência de cuidadoras que frequentemente eram suas próprias mães (Masson, 1984).

Freud retornou a Viena em 1886, e, anos depois ouviu o caso de Anna O., que hoje sabemos ser Bertha Pappenheim, relatado por seu colega Joseph Breuer (1842-1925). Breuer relatou a Freud, em 1892, que havia tratado Anna O., dez anos antes, de uma fobia que lhe impedia beber água, o que lhe obrigava a beber somente suco de frutas. Sob hipnose, que Anna O. chamava “chimney-sweeping”, (limpeza da chaminé), ela lembrou que havia visto a cachorrinha Pinscher de sua governanta, de quem não gostava, beber água de um copo em cima da mesa de refeições. Ao despertar da hipnose, Anna pediu água: **estava curada da fobia**. Aqui teve início a psicanálise, com a

teoria do inconsciente dinâmico reprimido e sua cura pelo insight, pela regressão e pela catarsis.

Em 1893, Breuer publicou o caso de Anna O. Em 1895 Freud e Breuer publicaram o caso de Anna O. e 4 casos de histeria de Freud. Breuer afastou-se de Freud, porque não concordava com a generalização da etiologia da sexualidade. Durante anos, Freud acreditou que os casos de histeria e de neurose obsessiva eram devidos à sedução das crianças por seus pais. **Em 1897, ele mudou radicalmente sua posição e passou a achar que esses relatos não eram verdadeiros e que resultavam da imaginação das crianças** (Gay, 2006).

Na carta a Fliess de 21.09.1897, Freud apresentou, pela primeira vez, os motivos da rejeição da teoria da sedução: “Tenho que te confiar o grande segredo que lentamente em mim se ilumina nestes últimos meses. Já não acredito na minha neurótica” (Jones, Vol. I, 321) Freud passou a achar que as cenas de sedução são às vezes produtos das reconstruções imaginadas. Esta suposição foi associada à teoria da sexualidade infantil, do Complexo de Édipo e ao complexo de castração.

A autoanálise de Freud, louvada por todos como algo heroico e maravilhoso, foi considerado “o ato fundador da psicanálise” (Gay, pg. 103). Iniciada em 1890, atingiu seu ponto importante no início do verão de 1897, exatamente quando ele renegou a teoria da sedução. “Que coragem extraordinária foi necessária para empreendê-la” (Jones, Vol I pg. 321).

Em 1914, Freud comentou esta decisão da seguinte forma: “Quando essa etiologia (da sedução dos pais) se desfez fruto da sua própria inoperabilidade e contradição em circunstâncias definitivamente comprováveis, o resultado imediato foi estupefação. A análise levou para os caminhos corretos de volta a esses traumas sexuais e, entretanto, eles não eram verdadeiros. A realidade foi perdida debaixo dos próprios pés. Naquele momento, eu teria alegremente deixado tudo de lado, da mesma forma que meu estimado colega Breuer, quando ele fez a sua mal recebida descoberta (provavelmente a crise de pseudo-crise de Anna O.). Talvez eu tenha perseverado somente porque não tinha outra alternativa e não podia naquela época (em 1897 Freud tinha 41 anos), recomeçar outra alternativa” (Jones, Tomo I pg. 266).

Na carta em que Freud deu essa notícia a Fliess (21.09.1897), ele deu quatro razões para a sua descrença (da veracidade da sedução das crianças por adultos, principalmente da menina pelo pai).

Primeiro, por não poder levar suas análises a um fim satisfatório.

Segundo, sua surpresa em ter que acreditar que todos os pais de suas pacientes tiveram perversões sexuais (inclusive o seu próprio); pois tal fato teria que ser muito mais frequente que a histeria, pois muitas circunstâncias coadjuvantes são necessárias para formar essa síndrome.

Terceiro, devido à sua clara percepção de que no inconsciente não existe o critério de realidade e, assim, a verdade não pode ser separada da ficção emocional.

Quarto, porque essas memórias nunca emergem nos delírios das mais graves psicoses (Jones, Tomo I, pg.266).

Algo que é pouco lembrado é que Joseph Freud, pai de Freud, faleceu aproximadamente um ano antes, em 23 de outubro de 1896 e a ambiguidade entre sublimação e rejeição vivenciada nesse evento, marcaram muito Freud. (Jones, Tomo I, p. 321), porque a teoria da sedução incluía sintomas histéricos de seu irmão e várias de suas irmãs, imputadas a seu pai. O abandono da teoria da sedução em 1897 esteve relacionado com tudo isso e, principalmente, com as descrições da sexualidade infantil e, sobretudo, com a vivência de “paixão por sua mãe e ciúme de seu pai” que ele descobriu em sua autoanálise (Jones, Tomo I pg. 326).

A partir daí, Freud abandonou a teoria da sedução e passou a considerar as fixações e os sintomas histéricos como sendo o resultado da fantasia dos pacientes. Assim nasceu o conceito da criança perverso polimorfa, acoplado ao Complexo de Édipo.

Em seu livro *Atentado à Verdade: A Supressão da Teoria da Sedução por Freud*, (1984) o psicanalista Jeffrey M. Masson, que foi diretor dos arquivos da Sociedade Psicanalítica de Londres, publicou uma série de cartas até hoje inéditas e de considerações sobre a decisão de Freud de desconsiderar a teoria da sedução. Segundo Masson demonstra com a correspondência de Freud, de Fliess e de outros analistas, Freud se achava isolado e desprestigiado com a teoria da sedução, e, por isso, aproveitou um caso de depoimento fantasioso e mentiroso de uma paciente, para invalidar covardemente também, os outros que sabia verdadeiros.

O caso de Sandor Ferenczi, tratado em detalhes por Masson nesse livro, é muito impressionante, pois segundo ele demonstra, Ferenczi foi desmoralizado dentro do movimento psicanalítico, não por defender uma relação íntima com pacientes, como foi divulgado, mas por acreditar que muitas pacientes haviam sido realmente abusadas e

que seus relatos eram verdadeiros, contrariamente à linha mestra adotada pela Psicanálise que considerava serem seus relatos fantasias.

De qualquer forma, tenha sido por covardia ou não, o fato de Freud ter criado o **conceito do perverso polimorfo**, que todas as crianças teriam ao nascer, mais o conceito do Complexo de Édipo, no qual Édipo é o único responsável por sua patologia independentemente da conduta criminoso de Laios e Jocasta, **influenciou a Psicanálise, seguida em grande parte pela Psicologia do desenvolvimento, pela Psiquiatria e pela cultura para atribuir maciçamente o abuso sexual e a violência relatada por pacientes, sobretudo mulheres, a fantasias.**

Não há dúvida que a intimidade proposta por Ferenczi (1873-1933) com pacientes, era questionável e precisava ser elaborada e melhor estudada. Contudo, isso não justificou as artimanhas burocráticas engendradas pela cúpula da psicanálise à época, para impedir que o trabalho de Ferenczi não fosse apresentado no I Congresso Internacional de Psicanálise em Salzburg (1908) e somente depois publicado. Segundo Masson, as atribuições de muitos analistas e do próprio Freud de que o questionamento de Ferenczi à rigidez da técnica do afastamento do terapeuta do paciente fosse unicamente devido a um distúrbio mental de Ferenczi foram injustas e preconceituosas para manter o conceito do perverso polimorfo. É inacreditável mesmo, que no obituário de Ferenczi, que aparentemente teve uma desestruturação mental antes de falecer de anemia perniciosa, em 1933, aqueles que veladamente o desqualificaram, o elogiaram despidoradamente (Masson, 1984).

Creio que devemos considerar também que Freud desenvolveu o conceito do Complexo de Édipo a partir da descoberta em si mesmo de tendências incestuosas e parricidas. Depois de corajosamente publicar sua descoberta, Freud passou a encobrir sua realidade patológica com a teoria do perverso polimorfo, do Complexo de Édipo e do complexo de castração. Foi como se dissesse: “Eu tenho o Complexo de Édipo, mas isso não tem nada demais, porque todas as crianças nascem com ele e, por isso, devem reprimí-lo e sublimá-lo para formar um superego e adquirir uma formação moral”.

Seja por qual razão for, o fato é que **o conceito do perverso polimorfo, do Complexo de Édipo e do complexo de castração e da sexualidade infantil, de um modo geral, tem muito contribuído para encobrir o abuso sexual e a violência contra as crianças, sabidamente muito frequentes.**

É nesse sentido que concebi o **conceito do Quatérnio Primário** para descrever a formação da identidade normal e patológica (Sombra) do Ego e do Outro, desde a gestação até o início da adolescência. O quatérnio primário é formado pelo Complexo Materno (mãe e cuidadoras), pelo Complexo Paterno (pai e cuidadores), pelo vínculo entre eles, inclusive a Sombra e as reações da criança. **Dessa maneira, não se pode atribuir qualquer reação da criança, normal ou sombria, sem contextualizá-la dentro da interação emocional e existencial quaternária.** O conceito do Quatérnio Primário torna impensável a existência de um Complexo de Édipo sem levar em conta Laios e Jocasta, ou seja, fora do contexto do Self Familiar.

O conceito do Quatérnio Primário impede que responsabilizemos exclusivamente Édipo pelo incesto e o parricídio, pois nos obriga a considerar a personalidade e a conduta de Laios e Jocasta na formação de sua Sombra.

Por outro lado, o Quatérnio Primário de Édipo nos permite avaliar a complexidade de sua Sombra, ou seja, de suas fixações e defesas, e o extraordinário grau de resiliência demonstrado no seu processo de individuação. Ele nos mostra o confronto e o resgate das fixações de sua Sombra dentro das características de coragem heróica, dedicação, humildade, resiliência e sabedoria do Arquétipo da Santidade. Após a defesa psicopática da automutilação que o deixa cego.

Para manter as polaridades separadas e relacionadas ao todo do Self de forma sistêmica, o Arquétipo Patriarcal propicia a abstração das polaridades da posição insular matriarcal, na qual elas operam de maneira simbiotizada, formando ilhas dentro do Self.

Julinho tem dois anos e está brincando com um ursinho, na escola. Seu coleguinha Fernando (Fê), vem e pega o ursinho para ele. Julinho sente frustração porque ele e o ursinho estão muito apegados na simbiose. Eles relacionam-se intimamente numa ilha que os separa do todo. Quando Fê praticamente arranca o ursinho, Julinho sente muita frustração (dor e sofrimento) que desencadeia agressividade. Julinho começa a chorar de dor e de raiva e, num primeiro momento, sente-se impotente para consolar a sua dor.

Para apaziguar a frustração inerente à vida, fortemente presente nas relações pessoais, temos a função estruturante do acolhimento. Como todas as funções estruturantes, o acolhimento também é arquetípico e virtual. Ele é ativado e começa a ser integrado nas relações primárias. Winnikott destacou o *“holding* e o *caring”* dentre as

relações primárias mais necessárias para a formação e o desenvolvimento do Ego, ou seja, da identidade. O **acolhimento corresponde ao “holding” de Winnikott e o cuidado, ao “caring”**.

Julinho lidará com a frustração e com a agressividade desencadeada por ela, dependendo do grau de acolhimento do qual seu Ego disponha, tenha recebido ou ainda receba dos seus cuidadores. Normalmente, ele próprio também começa a acolher seu sofrimento. No momento, sua cuidadora ou seu cuidador complementa o acolhimento. **Caso sua função do acolhimento esteja se tornando fixada e defensiva, Julinho poderá não só repudiar, como até mesmo agredir quem vier acolhê-lo. Quanto mais a função acolhedora torna-se defensiva, mais a frustração passa diretamente para a agressividade e, na vida adulta, para o ódio e a defesa psicopática (complexo de Kevin).**

Sabemos que Édipo vinha caminhando por uma estrada que levava a Tebas, quando seu pai, de forma autoritária e arrogante, arremessou sua carruagem contra ele para que saísse da frente. Apesar dos soldados que o acompanhavam, Édipo matou o rei.

Ao decifrar o enigma da Esfinge que assolava Tebas a mando de Hera, devido à relação homossexual adúltera de Laios com Crisipo, Édipo se consagrou e se casou com a rainha Jocasta, sem saber que ela era sua mãe.

Acontece que o enigma da Esfinge: “Qual é a criatura que de manhã caminha de quatro pernas, ao meio dia de duas e ao entardecer de três?” foi corretamente decifrado por Édipo como se referindo ao ser humano. O deciframento foi um prodígio do intelecto grego, mas não levou em conta a natureza simbólica, emocional e arquetípica do enigma e da própria Esfinge.

A Equidna é uma deusa serpente que acasalou-se com o terrível dragão primordial Tifão e concebeu Orthos, o cão de duas cabeças, a Hidra de Lerna e Kerberos, o cão de três cabeças, guardião das portas do Hades. Copulando com seu próprio filho, Orthos, Equidna pariu a Esfinge e o Leão de Nemea.

Assim, a Esfinge é um monstro produto do incesto de dois monstros. Ela é uma deusa que representa a função estruturante do incesto, fixada e deformada e, por isso, monstruosa.

Ao decifrar o enigma, Édipo revela que o ser humano tem um processo existencial que se desenvolve do início ao fim da vida. Possuído pela *hybris*, ou seja, pela onipotência intelectual, dentro da inflação racional do pensamento lógico, Édipo e os tebanos acreditaram erroneamente que ele destruiu a Esfinge, porque ao decifrar o enigma racionalmente, ela se atirou no abismo onde teria morrido.

Para sua desgraça, Édipo se deixou glorificar e não perguntou à Esfinge quem ela era e para onde iria, depois de seu enigma ter sido decifrado. Se o houvesse feito, ela possivelmente teria respondido: -“Eu represento o incesto patológico. Todos têm que lidar comigo durante o processo de individuação, porque **o incesto é uma função estruturante e, por conseguinte, um arquétipo**. Se normal, ele estrutura o Ego na fantasia de namoro dos filhos com os pais ou em mitos de nascimento de grandes reis, filhos de deuses, como eram os faraós. Mas, se fixado e transformado em defesa, como aconteceu com você, o incesto se torna monstruoso, fixa o tempo da transformação existencial e se torna extraordinariamente destrutivo”. Se Édipo tivesse decifrado o enigma, mas a seguir consultado humildemente a Esfinge, no fundo dos abismos onde moram os arquétipos, sobre o seu processo, talvez ela tivesse respondido: _ “Édipo, pergunte aos deuses sobre sua origem e elabore sua vida para evitar o incesto fixado e monstruoso. Cuidado Édipo! Você já matou seu pai e só lhe falta agora casar com sua mãe para terminar sua transformação num monstro parricida e incestuoso como eu”.

Mas Édipo não fez isso. Acreditou em resolver o mistério da vida por intermédio da vaidade narcísica, pela inteligência racional e se deixou festejar e coroar sua entrega ao poder. No entanto, o incesto é um arquétipo que inclui também, o emocional e o irracional e que pode sofrer fixações e formar a Sombra, que o deforma. Quando é esse o caso, a fixação incestuosa se transforma em monstro e ataca o Ego como sua Sombra em algum momento do processo existencial, como aconteceu com Édipo.

A passagem para a sexta fase arquetípica da vida, que consiste na integração da Anima, do Animus e do Arquétipo da Alteridade **inclui o confronto da Sombra**. Durante a dominância patriarcal, a Sombra é reprimida e empurrada para baixo do tapete, como racionalizou defensivamente Freud, ao revelar que tinha vivências incestuosas com sua mãe, e parricidas com seu pai, mas que todas as crianças também o tinham por nascerem perverso-polimorfos.

Dentro da perspectiva do Arquétipo da Alteridade, é necessário elaborar todos os símbolos que se apresentam e ver se eles estão normais ou fixados. No caso dos

símbolos estarem fixados, é necessário confrontá-los e elaborá-los para resgatar seus significados e integrá-los no processo de individuação. O mesmo acontece com a função estruturante do incesto.

Édipo não pensou na existência da Sombra. Aceitou a glória e se considerou um rei acima de seus súditos. Foi dominado pela *hybris* da vaidade e do poder e caiu vítima da soberba sombria, patriarcal, parricida e incestuosa. Como sempre acontece quando não elaboramos a Sombra, ao necessitarmos dos símbolos nela fixados, ela atua sobre a consciência e semeia a inadequação existencial e sobre a destrutividade.

Ao descobrirem a fixação parricida e incestuosa, durante anos guardada inconscientemente em sua Sombra, Jocasta e Édipo são possuídos defensivamente por ela e têm uma reação psicótica. Ela se enforca e ele se mutila arrancando seus próprios olhos.

Podemos perceber essa reação psicótica como produto da culpa e da castração, ou seja, como autodestruição punitiva, como tem sido feito tradicionalmente. Simbolicamente, porém, temos que vê-la também como a expressão da impossibilidade de conscientizar diretamente a monstruosidade humana, como nos ensinou Medusa.

Num primeiro momento, Édipo psicotiza e arranca seus olhos, e Jocasta se mata para não continuar vendo sua Sombra. Édipo continua a vida e passa a elaborar sua Sombra e ver sua monstruosidade pelos olhos dos outros, pela visão do Self Cultural. **Andrajoso, cego, miserável e marcado pelo opróbrio, ele expõe sua fixação como uma forma de elaborá-la dentro da resiliência.**

Édipo não caminha só. Ele se apoia em Antígone em quem projeta sua Anima, que o guia na continuação do processo de individuação, só que agora, elaborando sua Sombra por intermédio da exposição e execração públicas.

Ao elaborar o Mal, mutilado diante de tudo e de todos, expondo o parricídio e o incesto que formaram sua Sombra e aceitando humildemente ser guiado pela sabedoria do amor de sua filha – Anima Antígone, Édipo vive, ensina e divulga por toda a Grécia, o **Arquétipo da Purificação e da Santidade.**

Temos inúmeros santos na história da Igreja, mas muitos foram considerados santos, patriarcalmente, porque foram martirizados. Neste contexto de alteridade, porém, **o Arquétipo da Santidade se expressa na interação do Ego e da Sombra, com o resgate das fixações incompatíveis com a Persona tradicional.** É este o sentido da pregação de Jesus, sem dúvida o maior exemplo do Arquétipo da Santidade. Ao expor

com seu sacrifício, o pecado da repressão patriarcal, ou seja, a Sombra da humanidade que o crucificou, e que era também dele próprio, porque era do seu povo, Jesus expressa a essência do caminho para a santidade.

A maldição dos Labdácidas proferida por Tântalo, após a morte de seu filho Crisipos, que havia se apaixonado e fugido com seu hóspede Laios, atinge todo o clan, inclusive Édipo e seus quatro filhos com Jocasta. A luta fratricida entre Polinikes e Eteokles, filhos de Édipo, faz parte da maldição, bem como o emparedamento de Antígone por ter querido enterrar os restos mortais de Polinikes, seguido pelo suicídio de Hemon, filho de Creonte. Quando Édipo nega o pleito de Polinikes para aliar-se a ele na luta fratricida, ele está exorcizando a maldição na sua peregrinação e na elaboração da Sombra patriarcal em direção à santidade.

É importante percebermos simbolicamente porque a interpretação do Complexo de Édipo, como parte do desenvolvimento normal pela Psicanálise, foi por muitos, aceita e incorporada à teoria do processo de desenvolvimento. É que, o Complexo de Édipo patológico, ou seja, a fixação do incesto com a mãe junto com a agressividade defensiva contra o pai é frequente, **para não dizer a norma da patologia, durante a dominância patriarcal cultural dos últimos doze milênios.** É esta tendência parricida que o Oráculo de Delphos revela a Laios e o leva a tentar matar Édipo.

Nesse sentido, é significativo o trabalho do psicanalista argentino Arnaldo Razkowsky, *O Filicídio*, enviado às Nações Unidas. Seu tema é que se os filhos tivessem que assinar as declarações de guerra para os pais morrerem nas linhas de frente, não haveriam tantas guerras. Razkowsky interpreta que, dentro da dinâmica de poder que rege a dominância patriarcal, a agressividade tornada defensiva envolve a polaridade ou complexo filho-pai e a torna frequentemente filicida-parricida e incestuosa. Isto porque a agressividade entre o pai e o filho, frequentemente, fragiliza o filho e o deixa sem opção afetiva a não ser o apego à mãe. A agressividade do pai com o filho abrange também a mãe, a afasta, a infelicita e a torna propensa à apegar-se afetiva, defensivamente e incestuosamente ao filho e ele a ela.

Ao entrarmos na sétima etapa, nos desapegamos paulatinamente de todos os relacionamentos que tivemos durante a vida no dinamismo matriarcal, patriarcal e de alteridade. Para que isso ocorra, é necessário elaborarmos fixações e a Sombra que formamos, pois se não o fazemos, o apego defensivo resultante das fixações impede o nosso caminho em direção à totalidade. Como vimos, foi isso o que Édipo fez, para não

se tornar uma alma penada incapaz da extrema união. Nesta última fase, passamos a vivenciar o desapego do corpo físico, acompanhando o enfraquecimento progressivo dele junto com as patologias frequentes da velhice. É chegado o momento de exercermos realmente a vida espiritual, presente nas projeções esotéricas das religiões, da vida após a morte do corpo físico, dentro da eternidade, do infinito e da paz.

Na Psicologia Simbólica Junguiana, a vida espiritual da sétima etapa, para elaborarmos a transcendência da morte do corpo físico, se faz pela meditação dentro da realidade subjetiva e objetiva do universo, como vimos no capítulo XII, p. 258, do livro *Psicologia Simbólica Junguiana*.

Repetiremos agora, sumariamente **esse ritual de desapego do corpo físico**. Ele consta da saída psicológica do corpo, da viagem cósmica e da vivência do espírito criador, dentro da eternidade, do infinito e da paz (Nirvana).

Da mesma forma que oramos nos templos religiosos, para cultivar a vida espiritual, necessitamos praticar esta meditação psicológica muitas vezes, para nos prepararmos espiritualmente e vivenciarmos completamente a sétima etapa do processo de individuação e a vida após a morte.

Fechem os olhos e concentrem-se na respiração, como manda a **pranayama**, na qual “*prana*” é a energia vital e “*yama*”, o caminho. Inspirem, expirem. Deixem-se guiar pelo ritmo respiratório cadenciado pelo diafragma.

Na medida em que condicionam a respiração e a mente à regularidade do ritmo respiratório, pratiquem o desapego de todas as coisas que povoam a mente e percebam o vazio. Para fazê-lo, não repudiem nada que venha à sua mente, mas apenas não lhe dêem atenção e a coisa, seja ela pensamento, imagem ou emoção irá embora. **O desapego crescente revelará o vazio** que abriga todas as coisas. Para a cultura ocidental, o vazio é o nada, e está na hora de dormir, mas para as grandes religiões ou filosofias do Oriente, o vazio é o Todo, o OM, o Ser universal, o Atman, o Tao, o Zen, o Self, o Universo, Deus ou o Espírito Criador. Temos agora que entrar no vazio, viajar com o Ser para a sua essência para vivenciá-lo na sua morada eterna e infinita e encontrar a paz (Nirvana).

Quando vocês estiverem conseguindo se desapegar de tudo e entrar no vazio e alguma coisa entrar de novo no seu pensamento, não se irrite. Aceitem a intromissão e voltem ao ritmo respiratório, retirando a atenção da coisa invasiva e ela logo se esvanecerá, devolvendo a vocês a vivência do vazio.

Permaneçam com o vazio, reconhecendo a sua grandiosidade. Pensem que, ao descobri-lo, muitos sábios de todas as religiões, deixaram sua vida mundana (Samsara) e foram viver nos Ashrams e nos mosteiros para conviver com esse vazio dia e noite até o fim dos seus dias. Esqueçam agora os mestres e voltem ao ritmo respiratório, ao desapego e ao vazio.

Começemos agora a viagem da saída do corpo para entrarmos na essência do vazio. Imaginem os raios de Sol que mantém a vida na Terra e formam a fotossíntese. Sigam essa luz. Saiam do corpo e acompanhem a luz em direção ao Sol. Ultrapassem a atmosfera, a estratosfera e entrem no espaço cósmico. Olhem para a Terra que ficou lá embaixo e vejam o seu corpo sentado aqui na classe, meditando.

Continuem avançando, saiam da Via Láctea, que contém o nosso Sol e entrem no vazio galáctico. Vejam as galáxias ao longe, com seus bilhões de estrelas e sintam o imenso vazio à sua volta, onde cabe toda a matéria do universo, inclusive nós.

Entrem na relação humana com o Espírito da Criação dentro da imensidão desse vazio e se permitam sentir admiração, gratidão e amor por terem sido criados por ele. **Sintam, finalmente, que vocês também são ele.** Deixem essa vivência envolver vocês completamente. Com a prática, vocês conseguirão essa identificação cada vez mais e melhor e terão a vivência do Nirvana, da libertação e da paz.

Preparem-se agora para voltar ao seu corpo. Procurem a energia do Sol, se orientem por sua luz, para produzir a fotossíntese e voltem ao seu corpo. Abram os olhos, guardem na memória o caminho espiritual para continuarem preparando a transcendência da morte do corpo físico.

Foi um grande prazer conhecê-los e dar este curso para vocês. Lembrem-se dele sempre que repetirem este mantra do budismo tibetano:

OM mani padme hum!

“Como é maravilhosa a flor de lotus”.

Adeus, desejando a todos nós muita luz,

NAMASTÊ!

Byington

As Principais diferenças entre a Psicologia Analítica e a Psicologia Simbólica Junguiana

Carlos Amadeu Botelho Byington

Ao criar a Psicologia Simbólica Junguiana, minha intenção primordial foi apresentar um paradigma simbólico e arquetípico para a Psicologia profunda, que expressasse a sua grandeza, a protegesse dos inúmeros reducionismos que a reduzem e aprisionam e descrevesse a função simbólica do mal e da morte. Uma das principais consequências desse processo tem sido a continuação do desenvolvimento da Psicanálise e da Psicologia Analítica, baseada nas obras de Freud, de Winnicott, Klein, de Jung, de Neumann, de Reich, de Moreno e de Heidegger, dentre outros.

Assim, nos meus livros *Psicologia Simbólica Junguiana – A viagem de humanização do cosmos em busca da iluminação* (Byington, 2008) e *A Viagem do Ser em Busca da Eternidade e do Infinito – As sete etapas arquetípicas da vida pela Psicologia Simbólica Junguiana* (Byington, 2013), conceituei o quaternário primário e procurei descrever as relações primárias e a formação da Sombra. Continuei essa descrição na adolescência e na vida adulta até a vivência da morte enraizada no referencial do processo de individuação descrito por Jung. Ampliando a associação de Neumann dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal aos mitos na história da consciência, incluí nesses dois arquétipos o feminino e o masculino e acrescentei a eles o Arquétipo da Alteridade, para descrever uma teoria mitológica da história propriamente dita, que torna inseparáveis as dimensões individual e cultural, seguida pelo Arquétipo da Totalidade.

Ao ensinar a Psicologia Simbólica Junguiana nestes últimos anos, observei que a cisão entre a escola junguiana e freudiana dificulta compreender quanto elas têm em comum, principalmente pelo fato de os seguidores de uma escola desconhecerem a teoria da outra. Além disso, observo que alguns conceitos de Jung estão sendo automaticamente repetidos sem a devida elaboração e atualização.

Durante meus cursos, noto que muitos junguianos não compreendem minhas propostas por não perceberem exatamente onde elas buscam integrar conceitos de psicanálise como fixação e defesa na formação da Sombra e, **ao mesmo tempo**,

modificar a Psicologia Analítica para evitar a redução do Arquétipo Matriarcal e da Anima ao feminino e do Patriarcal e do Animus ao masculino. Por isso, acredito que a descrição específica de vinte e seis diferenças entre a Psicologia Analítica e a Psicologia Simbólica Junguiana seja um começo para esclarecer conceitos e propostas teóricas de cada uma. Quero enfatizar que considero estes conceitos não algo simplesmente diferente da Psicologia Analítica, mas um desenvolvimento desta, coerente com a criatividade e o espírito científico de Jung.

A **primeira** diferença se refere à natureza da Psique. Seguindo o misticismo hindu e a Fenomenologia de Heidegger, a Psicologia Simbólica Junguiana considera o conceito de Psique análogo ao de *Atman* (Índia) e ao de Ser (Heidegger), que englobam o subjetivo e o objetivo, o dentro e o fora. Nesse sentido, o conceito de Psique é igual ao conceito de Cosmos, de Deus e do Espírito Criador.

Jung formulou os conceitos de psicoide, de sincronicidade e de “*unus mundus*”, para reunir o subjetivo com o objetivo, mas em muitos aspectos manteve a psique separada do objetivo, principalmente ao considerar a polaridade psique-matéria.

A **segunda** diferença é que a Sombra e seus complexos são formados à partir dos conceitos de fixação e de defesas de Freud, desde o início da formação da identidade do Ego e do Outro.

A **terceira** diferença é que tudo na psique é simbólico e arquetípico e é expresso por funções que os tornam símbolos e funções estruturantes da psique.

A **quarta** diferença é que as funções estruturantes normais, quando fixadas se tornam as funções estruturantes defensivas. Assim sendo, símbolos e funções estruturantes fixados são as características da Sombra e de toda a psicopatologia profunda.

A **quinta** diferença é que existe uma grande separação conceitual entre a Sombra e o inconsciente, pois a Sombra e seus complexos podem ser conscientes e inconscientes. Por conseguinte, o consciente e o inconsciente podem ser normais ou patológicos quando sofrem fixações e forma defesas.

A **sexta** diferença é que a Persona é uma função estruturante da maior importância para a formação da identidade do Ego e do Outro e quando fixada, forma a defesa normopática psicopática.

A **sétima** grande diferença é a descrição e a ênfase dadas por Jung à diferença entre um inconsciente pessoal não arquetípico e um inconsciente coletivo arquetípico. Para mim essa diferença não existe, porque todos os símbolos e funções estruturantes que formam a identidade do Ego e do Outro, são também arquetípicos. O que existe é a diferença entre a dimensão pessoal e a coletiva, ambas sempre arquetípicas. Existirão, porventura, símbolos mais arquetípicos que os símbolos pessoais do pai, da mãe, da criança, da Lua do Sol e das galáxias? Pode-se imaginar algum indivíduo ou cultura que não tenha as funções da projeção, da introjeção e da repressão, seja na dimensão individual, seja na dimensão coletiva? Isso não demonstra que todas as funções estruturantes são sempre, também, arquetípicas?

A **oitava** diferença é que tudo na Psique é simbólico e arquetípico e engloba todas as polaridades, inclusive subjetivo e objetivo. Nesse caso, não existem as polaridades psique-matéria e psicossomática, porque a Psique inclui a polaridade mente-matéria e mente-corpo dentro da dimensão simbólica e arquetípica.

A **nona** diferença está no desdobramento do conceito de Self da Psicologia Analítica para evitar uma grande ambiguidade entre o real e o virtual. A Psicologia Simbólica Junguiana emprega Self para descrever a totalidade da Psique real incluindo o Ego, a Sombra, o consciente e o inconsciente, os símbolos as funções e os arquétipos. Desta maneira, ela diferencia o conceito de Self do Arquétipo Central, equivalente ao DNA e considerado virtual e responsável pelo potencial do desenvolvimento psíquico.

A **décima** diferença é que o Arquétipo Central engloba todas as polaridades das funções estruturantes, inclusive vida-morte, normal-patológico, bem-mal, Eros-poder, masculino-feminino.

A **décima primeira** diferença é que Jung reduziu o Self e o processo de individuação principalmente ao indivíduo e eu apliquei o conceito de Self e de Arquétipo Central para englobar, também, as dimensões transindividuais do Self, em todas as situações existenciais. Postulei assim, que o Arquétipo Central forma um sistema de desenvolvimento arquetípico para qualquer conjunto de vivências. Concebo, então, a existência do Self Conjugal, Self Familiar, Self Cultural, Self Planetário e Self Cósmico, assim como Self Terapêutico, Self Pedagógico e muitas outras formas do Self. Isto é diferente do conceito de Self corporal de Neumann, pois somente emprego o conceito de Self para representar a vivência de totalidade e em nenhuma hipótese para me referir somente a uma parte.

A **décima segunda** diferença é que a Psicologia Simbólica Junguiana situa a polaridade Ego-Outro no centro da consciência e da Sombra e não exclusivamente o complexo do Ego, como fez Jung. Assim sendo, concebo a formação da identidade do Outro paralelamente à formação da identidade do Ego por intermédio da elaboração dos mesmos símbolos, funções estruturantes e arquétipos.

A **décima terceira** diferença é que tudo na psique é arquetípico e os arquétipos são expressos por símbolos e funções estruturantes. Estes podem ser expressos por imagens, como na Psicologia Analítica, mas também por palavras, sons, conceitos, emoções, partes do corpo, fenômenos sociais e ecológicos, a conduta e até mesmo o silêncio.

A **décima quarta** é que a elaboração simbólica é coordenada prioritariamente por um quatérnio arquetípico regente que opera à volta do Arquétipo Central. Este quatérnio é formado pelos Arquétipos Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade e de Totalidade. O Arquétipo da Alteridade engloba os Arquétipos da Anima e do Animus.

A **décima quinta** diferença é que o Arquétipo Matriarcal é o arquétipo da sensualidade, que também engloba o masculino e não exclusivamente o feminino. O Arquétipo Patriarcal é o arquétipo da organização e também engloba tanto o feminino quanto o masculino. Assim, os Arquétipos Matriarcal e Patriarcal estão igualmente presentes na personalidade do homem, da mulher e nas dimensões transindividuais do Self.

Da mesma maneira, o Arquétipo da Anima na personalidade do homem e do Animus na personalidade da mulher não são arquétipos exclusivamente do feminino e do masculino e sim arquétipos da individualidade profunda. Suas expressões tanto podem ser por imagens femininas da Anima e masculinas do Animus, como também representar símbolos da busca religiosa, política, científica, artística ou de qualquer outro grande desafio ou chamado para a realização do Ser, no processo de individuação.

A **décima sexta** diferença é que lado a lado com os tipos psicológicos da Consciência, descritos por Jung, configuro quatro dominâncias tipológicas representadas por cada um dos quatro arquétipos regentes (Matriarcal, Patriarcal, de Alteridade e de Totalidade).

A **décima sétima** diferença é a concepção do Quatérnio Primário formado pelo Complexo Materno, pelo Complexo Paterno, pelo vínculo entre eles e pelas reações do

Ego. As relações de sincronicidade entre essas quatro vertentes permitem perceber a formação única da identidade do Ego e do Outro em cada pessoa até a puberdade.

A **décima oitava** diferença é que a polaridade Ego-Outro apresenta cinco posições diferentes que são as cinco inteligências arquetípicas do Ser. Elas acompanham sequencialmente o processo de elaboração simbólica. A primeira é a posição indiferenciada ou urobórica, que corresponde ao Arquétipo Central. A segunda é a posição insular (ilha) do Arquétipo Matriarcal. A terceira é a posição polarizada do Arquétipo Patriarcal. A quarta é a posição dialética do Arquétipo da Alteridade (Anima e Animus) e a quinta é a posição contemplativa do Arquétipo da Totalidade.

A **décima nona** diferença que caracteriza a Psicologia Simbólica Junguiana é a adoção do conceito de fixação da Psicanálise para a configuração da passagem da função estruturante normal para a função estruturante defensiva e que, por isso, se torna o denominador comum de toda a psicopatologia e a origem da Sombra. A fixação é acompanhada da formação da inadequação existencial, da defesa, da compulsão de repetição, e da resistência defensiva presentes em toda a patologia.

Esta conceituação é especialmente útil no estudo da depressão, da possessão e da ansiedade, como funções normais e patológicas, evitando sua redução atual pela patologização. Nesse caso, o tratamento da depressão, da ansiedade e da possessão patológicas, não deve visar sua eliminação e sim o resgate de sua atuação normal para elaborar os símbolos que veiculam.

A **vigésima** diferença é a conceituação da Sombra formada por fixações da elaboração simbólica nos quadros clínicos (Psiquiatria e Psicologia), no crime (Direito), no pecado (Religião), na exaustão das reservas ou na destruição do meio ambiente (Ecologia), na exploração e na miséria (Socioeconomia), no erro (Ciência) e no Mal (Filosofia). A Sombra pode ser circunstancial ou cronicada. Nesta perspectiva, diferentemente da Psicologia Analítica (Aion), a Sombra é formada tanto por símbolos do mesmo gênero quanto do gênero oposto do Ego.

As fixações e a formação da Sombra com símbolos preciosos para o desenvolvimento fazem com que o resgate dos símbolos da Sombra, seja indispensável ao processo de individuação. Por isso, o fato de ter Sombra leva o ser humano a uma tensão permanente na busca de integrar o seu conteúdo. Esta é a explicação da existência da compulsão de repetição e para a afirmação esotérica de que Deus (o Arquétipo Central) persegue aqueles a quem ama.

A **vigésima primeira** característica que diferencia a Psicologia Simbólica Junguiana da Psicologia Analítica é o agrupamento de toda a psicopatologia em quatro estratégias patológicas que são: a neurótica, a psicopática, a *borderline* e a psicótica, e que se diferenciam pela relação ego-outro na Consciência e na Sombra (Psicopatologia Simbólica Junguiana).

Na estratégia neurótica, a Sombra se expressa principalmente inconscientemente e sua atuação traz culpa e arrependimento.

Na estratégia psicopática, a fixação absorve as funções estruturantes da vontade e da ética e a Sombra é expressa também conscientemente. Por isso, trata-se da conduta sociopática, dolosa (intencional) e sem culpa. Quando a defesa psicopática toma conta de uma grande parte do Self, temos a **personalidade psicopática**.

Na estratégia *borderline*, observamos uma grande criatividade nas defesas, que podem atuar de formas bizarras e geralmente de forma psicopática para evitar a psicose.

Finalmente, na estratégia psicótica, a Sombra invade a Consciência que, uma vez dominada, se torna inimputável.

A **vigésima segunda** característica da Psicologia Simbólica Junguiana é o conceito da função estruturante da **supraconsciência**, que percebe e elabora a relação da Consciência e da Sombra.

A **vigésima terceira** característica da Psicologia Simbólica Junguiana é a conceituação das sete fases arquetípicas da vida, que são a fase da gestação, da primeira infância (0-2 anos), da segunda infância (de 2 a 12 anos), da adolescência (de 12 a 20 anos), da fase adulta (de 20 a 40 anos), da maturidade (de 40 a 60 anos) e a sétima e última fase (além dos 60 anos) que elabora a transcendência da morte do corpo físico.

A **vigésima quarta** diferença da Psicologia Simbólica Junguiana e da Psicologia Analítica é a metanoia como uma etapa de dominância arquetípica e, por isso, concebe cinco metanoias e não uma como faz a Psicologia Analítica. A primeira é a constelação do Arquétipo Patriarcal e seu conflito com o Matriarcal a partir dos dois anos de idade. A segunda é a passagem da fase passiva para a fase ativa dos Arquétipos Matriarcal e Patriarcal na personalidade dos jovens durante a crise da adolescência. A terceira metanoia é a vivência dos Arquétipos Patriarcal e Matriarcal na posição ativa na profissão, no casamento e na formação da nova família. A quarta metanoia é a ativação

dos Arquétipos da Anima, do Animus e da Alteridade descritas principalmente na metanoia da Psicologia Analítica. A quinta metanoia é a dominância do Arquétipo da Totalidade no final da vida e na transcendência da morte do corpo físico, pela meditação para a vivência do infinito, da eternidade e da paz.

A **vigésima quinta** diferença é a elaboração simbólica da Consciência e a Sombra pelas técnicas expressivas, principalmente pela meditação e regressão (divã).

A **vigésima sexta** diferença é a teoria arquetípica da história que reúne o desenvolvimento individual e histórico da humanidade, ampliando a abordagem de Erich Neumann, com os Arquétipos da Alteridade e da Totalidade dentro da realidade histórica.

Apesar dessas diferenças, denominei esta nova disciplina de Psicologia Simbólica Junguiana, por ter sido Jung quem descreveu a busca arquetípica da totalidade do desenvolvimento da consciência, no processo de individuação.